

IDENTIFICAÇÃO E MEDIAÇÃO CULTURAL NO PELC-BAHIA: PARTICIPAÇÃO E ENVOLVIMENTO DOS BENEFICIÁRIOS NAS ATIVIDADES DO PROGRAMA

Jenifer Lourenço Borges Vieira¹
Elisângela Chaves²
José Alfredo Oliveira Debortoli³

RESUMO: O presente texto traz uma discussão sobre a possibilidade de identificação e de mediação cultural a partir da análise da participação e do envolvimento dos indivíduos nas atividades sistemáticas (oficinas) e assistemáticas (festas e comemorações) ofertadas no âmbito do Programa de Esporte e Lazer da Cidade desenvolvido no Estado da Bahia (PELC-Bahia), entre os anos de 2017 e 2019. Para tal, utilizou-se um questionário eletrônico, no modelo *Survey*, aplicado aos coordenadores de núcleo e aos agentes sociais que atuaram nos 100 núcleos do programa durante seu desenvolvimento. A partir do relato dos indivíduos envolvidos na pesquisa, foi possível verificar que tanto as atividades sistemáticas quanto as assistemáticas desenvolvidas no âmbito do programa podem ser entendidas como possibilidades de mediação cultural e, também, podem influenciar o processo de identificação cultural dos indivíduos que estiveram envolvidos no PELC-Bahia.

Palavras-chave: Mediação cultural. Esporte. Lazer. Políticas públicas.

IDENTIFICATION AND CULTURAL MEDIATION IN PELC-BAHIA: PARTICIPATION AND INVOLVEMENT OF BENEFICIARIES IN PROGRAM ACTIVITIES

ABSTRACT: The present text brings the discussion about the possibility of identification and cultural mediation from the analysis of the participation and involvement of individuals in systematic (workshops) and unsystematic activities (parties and celebrations) offered under the Sport and Leisure Program of the City developed in the State da Bahia, PELC-Bahia, between the years 2017 and 2019. To this end, it uses an electronic questionnaire, in the Survey model, applied to the coordinators of the nucleus and social agents who worked in the 100 centers of the program during its development. From the reports of the individuals involved in the research, it was possible to verify that both the systematic and unsystematic activities developed within the scope of the program can be understood as a possibility of cultural mediation and can also influence the process of cultural identification of the individuals who were involved in the PELC -Bahia.

Keywords: Cultural Mediation. Sport. Leisure. Public Policy.

IDENTIFICACIÓN Y MEDIACIÓN CULTURAL EN PELC-BAHIA: PARTICIPACIÓN E IMPLICACIÓN DE LOS BENEFICIARIOS EN LAS ACTIVIDADES DEL PROGRAMA

RESUMEN: El presente texto trae la discusión sobre la posibilidad de identificación y mediación cultural a partir del análisis de la participación e involucramiento de los individuos en actividades sistemáticas (talleres) y asistemáticas (fiestas y celebraciones) ofrecidas en el marco del Programa

¹ Doutora em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais, Professora do Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais. Email: jeniferborges@ymail.com, <https://orcid.org/0000-0003-1417-0628>.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Professora na Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: elischaves@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-2069-4316>.

³ Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor na Universidade Federal de Minas Gerais. Email: dbortoli@eefito.ufmg.br, <https://orcid.org/0000-0001-5277-0523>.

Deporte y Ocio de la Ciudad desarrollado en el Estado da Bahia, PELC-Bahia, entre los años 2017 y 2019. Para ello, utiliza un cuestionario electrónico, en el modelo Survey, aplicado a los coordinadores de los núcleos y agentes sociales que trabajaron en los 100 centros del programa durante su desarrollo. A partir de los relatos de los involucrados en la investigación, fue posible verificar que tanto las actividades sistemáticas como asistemáticas desarrolladas en el ámbito del programa pueden ser entendidas como una posibilidad de mediación cultural, pudiendo también influir en el proceso de identificación cultural de las personas que estuvieron involucradas en el PELC-Bahia.

Palabras-clave: Mediación Cultural. Deport. Ócio. Políticas Públicas.

INTRODUÇÃO

O lazer pode implicar produção de cultura, à medida que constrói e transforma diversos conteúdos culturais usufruídos pelas pessoas, pelos grupos e pelas instituições. Dessa forma, a cultura produzida no âmbito do lazer pode influenciar na identificação cultural dos indivíduos através do processo de mediação cultural. Embora o Programa de Esporte e Lazer da Cidade (PELC) não seja considerado declaradamente uma política cultural, e sim uma política de lazer, as relações existentes entre cultura e lazer nos permitem analisar o programa com o olhar na dialética cultura, identidade e mediação cultural, tal como propõe este texto. Logo, é objetivo deste trabalho a análise das oficinas (atividades sistemáticas) e das festas e comemorações (atividades asistemáticas) desenvolvidas no âmbito do PELC, mais precisamente no convênio com a Superintendência dos Desportos do Estado da Bahia (SUDESB), denominado aqui de PELC-Bahia, compreendendo-as como possibilidade de mediação cultural entre os envolvidos, a partir da percepção dos agentes sociais e dos coordenadores de núcleo que atuaram no programa.

PERCURSOS METODOLÓGICOS

Este artigo traz um recorte dos resultados da pesquisa de doutorado intitulada “Mediações entre políticas de lazer e experiência cultural: um estudo de caso a partir do olhar da gestão do PELC-Bahia”. Para a composição do texto aqui apresentado, utilizamos parte dos dados obtidos no questionário aplicado via e-mail, no modelo de *Survey* digital, aos 100 coordenadores de núcleo do PELC, envolvidos diretamente na organização, na formação, na atuação e na gestão do convênio estudado. A escolha de tal instrumento se deu pelas características de sua aplicabilidade em todos os municípios da Bahia onde o PELC foi desenvolvido e, principalmente, pelo fato de respeitar o distanciamento social imposto pela pandemia de Covid-19 que assolou o Brasil e o mundo no ano de 2020.

Tendo como referência uma planilha disponibilizada pela própria SUDESB, contendo os contatos oficiais dos coordenadores de cada um dos núcleos do PELC-Bahia, foram encaminhados os convites para que eles participassem da pesquisa e, também, os questionários digitais, precedidos de uma carta de abertura e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os coordenadores que responderam positivamente ao convite de participação na pesquisa foram orientados a replicarem o *link* do *Survey* digital aos agentes sociais que atuaram no PELC-Bahia sob sua coordenação. Dessa maneira, conseguimos atingir também alguns agentes sociais, ampliando o público-alvo para coordenadores de núcleo e agentes sociais dos 100 núcleos do PELC-Bahia.

O tipo de *Survey* utilizado foi um misto entre o factual e o atitudinal (MAY, 2004), pois, ao mesmo tempo em que elenca os dados concretos sobre as pessoas envolvidas e sobre as atividades desenvolvidas em cada núcleo do PELC-Bahia, ele também foi direcionado para a obtenção de dados a respeito da opinião dos envolvidos sobre conceitos amplos abordados no estudo e em eventos em particular. O questionário digital foi elaborado pela pesquisadora e pelos orientadores da pesquisa, englobando 36 questões, divididas em três seções. A primeira seção, denominada como “Caracterização da amostra”, teve, como tópico de análise, a identificação dos participantes, focando no núcleo em que eles atuaram, na sua relação com a comunidade e na sua escolaridade. Essa seção do questionário digital foi composta por sete perguntas, sendo cinco de múltipla escolha e duas discursivas. Por sua vez, a segunda seção, nomeada como “Atividades desenvolvidas no PELC-Bahia”, como o próprio nome sugere, apresentou, como tópico de investigação, as atividades ofertadas, tanto as sistemáticas quanto as assistemáticas, bem como o envolvimento e a participação da comunidade em tais atividades. Essa seção do questionário digital foi composta por 16 perguntas, sendo cinco de múltipla escolha e onze discursivas. Dentre as questões discursivas, cinco delas eram complementos das perguntas de múltipla escolha e, por isso, só deveriam ser respondidas dependendo da opção marcada na questão de múltipla escolha à qual ela se referia. Por fim, a terceira e última seção, intitulada “Mediação cultural”, apresentou, como tópico de análise, o mapeamento da participação dos indivíduos nas formações ofertadas pelo antigo Ministério do Esporte e pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), além do levantamento sobre a percepção do sujeito acerca das trocas culturais ocorridas (ou não) no âmbito do programa. Para a elaboração deste texto especificamente, utilizamos os dados obtidos referentes majoritariamente à segunda seção, além das informações sobre a percepção dos indivíduos da pesquisa quanto às trocas culturais, referentes à terceira seção do questionário. Os dados foram analisados focando na mensagem propriamente dita – em seu valor informacional, nas palavras, nos argumentos e nas ideias expressas – constituindo, portanto, uma análise

temática. Visto que a análise de conteúdo possibilita diferentes formas de se conduzir o processo de interpretação dos dados descritos, nesta pesquisa, os dados foram examinados explorando seu conteúdo latente, ou seja, a investigação foi caracterizada de forma indutiva, gerativa, construtiva e subjetiva (MORAES, 1999).

SOBRE O PELC-BAHIA

O Programa de Esporte e Lazer da Cidade (PELC) foi um programa desenvolvido por intermédio da Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (Snelis), do antigo Ministério do Esporte. Ele foi desenvolvido de 2003, ano do projeto piloto, até 2019. O programa tinha o objetivo central de promover, democratizar e universalizar o acesso à prática e ao conhecimento do lazer e do esporte recreativo. Para tal, o PELC viabilizava diferentes práticas corporais, culturais e de lazer para pessoas de todas as idades, incluindo pessoas com deficiência, estimulando a convivência social, a formação de gestores e a atuação de lideranças comunitárias. Tanto os governos dos estados, dos municípios e do Distrito Federal, quanto universidades federais, estaduais e institutos públicos de Ensino Superior podiam encaminhar proposta na ocasião da publicação do edital de chamamento público ou por meio da indicação de emenda parlamentar. O programa tinha, por meta, garantir o acesso às práticas e aos conhecimentos sobre esporte e lazer a todos os cidadãos brasileiros por meio de ações educativas na perspectiva da emancipação humana e do desenvolvimento comunitário, valorizando, assim, a diversidade cultural e as práticas esportivas e de lazer, em especial as de criação nacional. Nesse sentido, o programa possuía, enquanto diretrizes norteadoras dos processos pedagógicos, os seguintes tópicos: (a) auto-organização comunitária; (b) trabalho coletivo; (c) intergeracionalidade; (d) fomento e difusão da cultura local; (e) respeito à diversidade (cultural, étnica, religiosa, entre outras); (f) intersetorialidade; e (g) municipalização/institucionalização do setor (BRASIL, 2019).

No caso do estado da Bahia, onde o PELC foi implementado, há uma diversidade cultural muito grande. Além de terem sido 100 núcleos implementados em 78 municípios diferentes, os grupos populacionais atendidos também foram muito diversificados. Os interesses culturais e as necessidades e aspirações de cada um desses grupos atendidos, portanto, eram diversos. Um aspecto importante nesse processo de valorização da cultura local, principalmente no contexto do PELC-Bahia, seria então enfatizar a importância da atenção e do valor da vida das pessoas em seus contextos e singularidades, uma vez que os coordenadores do programa estariam diante de uma diversidade de experiências culturais que constituem as pessoas em seus contextos (DIAS; DEBORTOLI; CAÚ, 2018).

O estado da Bahia, atualmente, encontra-se dividido em Territórios de Identidades (doravante TI's). Para compreendermos a ideia dos Territórios de Identidades do referido estado, torna-se necessário assimilar a concepção de território nesse contexto. Conforme nos explica Duarte (2009), território é aqui entendido como “a base geográfica da existência social, espaço simbólico em que a população constrói a sua identidade, exprime sentimentos de pertença e cria seu patrimônio cultural” (p. 1). Essa nova regionalização da Bahia foi coordenada pela Secretaria de Cultura do Estado e contou com a representação dos poderes locais, das lideranças comunitárias, das instituições sociais, dos artistas e dos produtores culturais, com o objetivo de contribuir para a elaboração do planejamento estratégico da gestão cultural do estado (DUARTE, 2009). No contexto desta pesquisa, o entendimento sobre os TIs pode auxiliar na discussão a respeito da possibilidade de uma política social como o PELC influenciar no processo identitário dos indivíduos envolvidos, sejam eles agentes sociais, coordenadores, gestores ou beneficiários, uma vez que manifestações culturais foram apropriadas pelo programa como forma de lazer em diferentes contextos.

A divisão dos TI's da Bahia leva em consideração diversos fatores, baseando-se no regionalismo e no discurso regionalista representado por “posturas ativas dos grupos e agentes sociais no espaço regional” e fundamentando-se na “cultura local vivida, que se serve das identidades culturais para encaminhar as aspirações desses grupos/agentes” (SERPA, 2015, p. 14). Conforme Serpa (2015), as dimensões simbólica, política e cultural podem ser enfatizadas na constituição de regiões e de regionalismos. Elas se manifestam através da “consolidação de uma consciência regional” (p. 16). Logo, a região passa a ser delineada a partir de uma construção sociocultural, uma vez que passa a fazer parte de um “imaginário social, enquanto representação da realidade” (p. 16). Nesse sentido, Castro (2005) pontua que a região pode ser entendida também como

um espaço de disputa e de poder, base para essa representação que é apropriada e reelaborada, tanto pela classe dominante como por outros grupos que se mobilizam para defender seus interesses territoriais. (CASTRO, 2005, p. 193)

Para a implementação do PELC-Bahia, foram escolhidos 78 municípios baianos, descritos na figura 1. Conforme o Relatório de Cumprimento de Objeto (RCO) disponibilizado pela SUDESB (BAHIA, 2019), foram contemplados no total 78 (setenta e oito) municípios em 25 (vinte e cinco) TI's, dentre os 27 (vinte e sete) que compõem o estado da Bahia.

Quadro 1: Municípios do Estado da Bahia em que o PELC foi desenvolvido.

Municípios		
Alagoinha	Ibicuí	Presidente Dutra

Andorinhas	Ichu	Riachão do Jacuípe
Barreiras	Ilheus	Riacho de Santana
Boquira	Ipupiara	Rodela
Brumado	Iraquara	Salvador
Cachoeira	Irecê	Santa Cruz Cabralia
Caculé	Itabuna	Santa Inês
Caetité	Itajibá	Santana
Camacan	Itajuípe	Santo Antônio de Jesus
Camaçari	Itapetinga	Santo Estêvão
Camamu	Itiúba	São Sebastião do Passé
Campo Alegre de Lourdes	Jacobina	Seabra
Candeal	Jaguari	Senhor do Bonfim
Chorrochó	Lajes	Serra Preta
Coaraci	Lapão	Serrinha
Correntina	Lauro de Freitas	Serrolândia
Cruz das Almas	Licínio de Almeida	Simões Filho
Encruzilhada	Macarani	Tanhaçu
Eunápolis	Macaúbas	Tanque Novo
Filadélfia	Mairi	Teixeira de Freitas
Gandu	Morro do Chapéu	Tremedal
Gentio do Ouro	Paramirim	Ubaíra
Gongogi	Pé de Serra	Ubaítaba
Guanambi	Planaltino	Várzea da Roça
Heliópolis	Poções	Várzea de Poço
Ibicaraí	Porto Seguro	Vitória da Conquista
Total – 78		

Fonte: BAHIA, 2019.

IDENTIFICAÇÃO E MEDIAÇÃO CULTURAL

Miranda (2000) explica que os conceitos acerca da identidade cultural dos indivíduos vêm sofrendo alterações e se transformando ao longo de todo o processo civilizatório. Esse fato ocorre, segundo a autora, porque aquele sujeito do Iluminismo, concebido como ser “totalmente unificado desde o seu nascimento, dotado das capacidades de razão, consciência e ação” (p. 82), passou a ser compreendido pela ideia mais recente de sujeito sociológico, aquele que se molda ou se forma a partir das relações com outros sujeitos, que “mediam os seus valores, sentidos e símbolos expressos em uma cultura” (p. 82). Hall (2019) pontua que a identidade, em tal concepção sociológica, integra o sujeito à estrutura, preenchendo o espaço existente entre o “interior” e o “exterior”, unindo o mundo pessoal e o mundo público. Isso porque

o fato de que projetamos a ‘nós mesmos’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos os seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, ‘sutura’) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto o sujeito quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. (HALL, 2019, p. 11)

Entretanto, as próprias mudanças estruturais e institucionais da sociedade atual, globalizada, estão fazendo com que o sujeito se torne fragmentado. A globalização, considerada “um complexo de processos e forças de mudança” (HALL, 2019, p. 39), possui características espaço-temporais que fazem com que as distâncias e as escalas temporais sejam comprimidas, algo que apresenta influência direta sobre as identidades culturais dos indivíduos. Dessa forma, a própria sociedade estaria obrigando o sujeito a assumir diversas identidades – algumas vezes, contraditórias e não resolvidas (HALL, 2019; MIRANDA, 2000). Conforme Hall (2019), “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (p. 11). Esse processo de identificação versátil estaria produzindo, então, o sujeito pós-moderno, não possuindo assim uma identidade fixa, permanente ou essencial. Nesse contexto, tal sujeito estaria vinculado às formações e às transformações contínuas dos sistemas culturais que o rodeiam e, conseqüentemente, o condicionam (HALL, 2019; MIRANDA, 2000).

Barbosa (2010) explica que a identidade na modernidade tardia, ou pós-modernidade, estaria em crise. Segundo o autor, a causa da referida crise seria então decorrente

das profundas e enormes transformações devidas entre outros fatores à globalização, à celeridade dos meios de comunicação, ao encurtamento do tempo e do espaço que se impõem aos hábitos, aos gêneros devida e às antigas solidariedades, com conseqüências, portanto, também para a noção de cultura. (BARBOSA, 2010, p. 75-76)

Hall (2019) explica que o sujeito pós-moderno irá assumir e, ao mesmo tempo, deixar de assumir identidades culturais diferentes de acordo com cada momento que ele esteja vivenciando. Assim, o sujeito seria confrontado por uma pluralidade de identidades possíveis, podendo se reconhecer em cada uma delas, pelo menos temporariamente, “à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam” (HALL, 2019, p. 12).

Ora, se o sujeito pós-moderno pode se identificar e/ou ter a sua identidade cultural influenciada por diversos sistemas de significação e de representação cultural de acordo com o momento que ele esteja vivenciando, a participação dos agentes sociais e dos coordenadores do PELC-Bahia no planejamento e no desenvolvimento das atividades de lazer nos núcleos, assim como dos beneficiários durante a sua vivência nelas, pode influenciar o processo de formação identitária desses sujeitos. Além disso, o próprio programa poderia promover, para os envolvidos, uma mediação cultural que influenciaria nesse processo de formação identitária. Tendo em vista que o sujeito pós-moderno dificilmente terá a sua identidade unificada, finalizada, completa, pois sempre estará susceptível a novas influências culturais, o mais assertivo nesse caso será discorrer

sobre o processo de identificação dele e, especificamente, como o lazer pode contribuir (ou não) para esse processo.

O termo *mediação cultural* pode ser utilizado em diferentes contextos, recobrando um conjunto multiforme de práticas culturais. Esse termo pode ser compreendido como “um conjunto de elementos de diferentes ordens (material, relacional, semiológica) que se interpõem e atuam nos processos de significação” (PERROTTTI; PIERUCCINI, 2007, p. 82-83). Sendo assim, para fins de embasamento deste artigo, iremos tratar a mediação cultural como noção situacional, ou seja, como uma categoria pensada em relação a contextos e a processos específicos (nesse caso, no contexto das atividades desenvolvidas no PELC-Bahia). Tal distinção é importante, pois, conforme afirmam Perrotti e Pieruccini (2014),

se pode falar tanto em mediação cultural em contextos difusos, como em museus, bibliotecas, teatros e outros equipamentos culturais, considerando-se, ainda, em relação a estes uma gama diversificada de manifestações diferenciadas em cada um desses equipamentos. (PERROTTI e PIERUCCINI, 2014, p. 4)

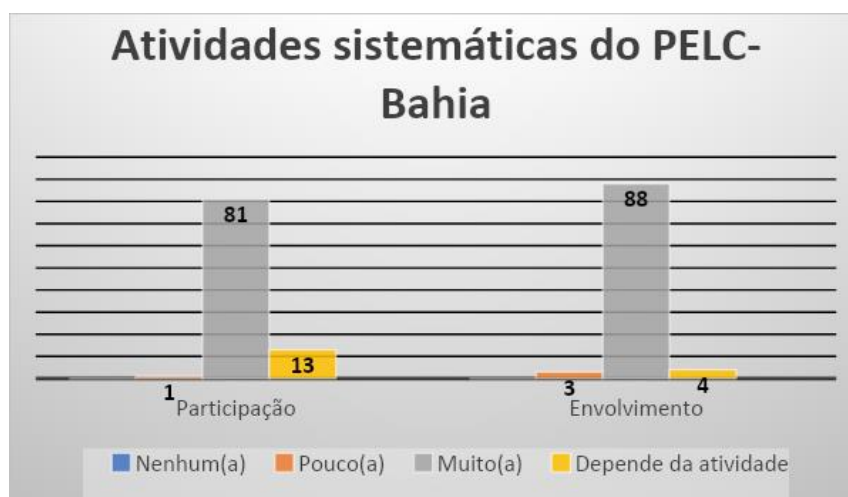
Sendo assim, iremos caracterizar a mediação cultural como condição que leva a considerar “os elementos que constituem seus processos não simplesmente como ferramentas, mas como signos, portadores de sentidos, agregados à economia das significações” (PERROTTTI; PIERUCCINI, 2007, p. 83-84).

Para compreendermos a mediação cultural no PELC-Bahia, aplicamos um questionário aos coordenadores de núcleo e aos agentes sociais que atuaram no programa durante os anos de 2017 a 2019, período em que o convênio estava em vigor e o programa foi desenvolvido no estado da Bahia. Nesse questionário, indagamos os informantes da pesquisa sobre a participação e o envolvimento dos beneficiários nas atividades desenvolvidas nos núcleos e nos subnúcleos do programa (atividades sistemáticas e assistemáticas). A proposta tanto das atividades sistemáticas quanto das atividades assistemáticas do PELC é que elas devam, preferencialmente, favorecer e estimular o convívio entre as gerações, promovendo essa integração. De acordo com Galeale e Oliveira (2017), a identificação da participação dos sujeitos sociais no processo de construção dos sentidos, eliminando a passividade dos envolvidos nesse processo, é necessária para que possamos caracterizar a mediação cultural. Eles pontuam que “a partir dessa identificação é possível apontarmos intenções ou motivações para a existência da mediação enquanto ação cultural” (p. 48). Por isso, realizamos nossa análise por meio da participação e do envolvimento dos beneficiários nas atividades do programa, sob a ótica dos agentes e dos coordenadores de núcleo do convênio em foco.

ATIVIDADES SISTEMÁTICAS (OFICINAS)

Tanto a participação quanto o envolvimento dos beneficiários do programa foram indicados pelos indivíduos da pesquisa através de uma escala, na qual estavam disponíveis as opções: “nenhuma participação” (nenhum envolvimento); “pouca participação” (pouco envolvimento); “muita participação” (muito envolvimento); e “depende da atividade ofertada”. Os gráficos a seguir indicam as respostas sobre esse tópico, divididas entre as atividades sistemáticas e as atividades assistemáticas desenvolvidas no PELC-Bahia.

Gráfico 1: Participação e envolvimento dos beneficiários nas atividades sistemáticas do PELC-Bahia de acordo com os participantes da pesquisa.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Analisando as respostas ao questionário, verificamos que 85% dos indivíduos responderam que os beneficiários foram muito participativos nas atividades sistemáticas ofertadas pelo programa. Esse dado pode ter relação com vários aspectos, como, por exemplo, com o fato de o PELC-Bahia ser uma opção de esporte e lazer da comunidade, assim como afirmam os participantes da pesquisa:

O PELC era o único programa que oferecia esporte, cultura e lazer na comunidade! (Indivíduo 76, Polo Serrinha, Núcleo Candeal).

Nessa resposta vou colocar em cima do que respondi, o PELC Bahia aqui foi um show! Melhorou e muito a qualidade de vida da população e trouxe lazer para os jovens e crianças... (Indivíduo 63, Polo Senhor do Bonfim, Núcleo Itiuba)

A participação de crianças e adolescentes em projetos sociais que envolvem o esporte e o lazer, de uma forma geral, apresenta fatores facilitadores e dificultadores. Souza, Castro e Vialich (2012) explicam que, analisando a literatura, podemos relacionar essa participação em projetos

sociais a alguns facilitadores, sendo eles: possibilidade de sociabilização e aumento de vínculos sociais; acesso a atividades físicas e esportivas; acesso a um ambiente educacional; oportunidades de entretenimento, diversão e lazer no tempo livre; dentre outros. Todos esses fatores facilitadores podem ser relacionados à participação do público-alvo do PELC-Bahia, mesmo o programa sendo composto não apenas por crianças e adolescentes, mas também por adultos e idosos, devido ao desenvolvimento de atividades na perspectiva intergeracional. Fatores facilitadores como os mencionados podem explicar, portanto, a grande participação explicitada no questionário.

Com relação aos 13,7% que responderam “Depende da atividade ofertada”, referente à participação dos beneficiários, os participantes da pesquisa explicaram tal situação.

Algumas modalidades se sobressaem de outras, com um melhor público ativo. (Indivíduo 82, Polo Serrinha, Núcleo Heliópolis)

Porque tinha atividades que não agradaram muito ao público, tiveram oficinas que foram excluídas. (Indivíduo 67, Polo Senhor do Bonfim, Núcleo Jacobina)

Algumas das atividades depois de um tempo começaram a apresentar diminuição de participação dos beneficiários. (Indivíduo 50, Polo Salvador B e RMS)

Infelizmente o povo não tem essa visão cultural em relação ao próprio bem-estar. Estão voltados para a política de receber cestas básicas e festas com paredes. (Indivíduo 39, Polo Salvador A, Núcleo Mata Escura)

Algumas atividades não eram do conhecimento da comunidade. (Indivíduo 44, Polo Salvador A, Núcleo Rodelas)

O fato de a atividade “desagradar” o beneficiário pode estar relacionado tanto à identificação dele com relação a própria atividade, quanto à significação da atividade para ele. Nesse sentido, Nunes (2011) pontua que os significados que as práticas corporais adquirem podem ser variados e não são frutos de uma existência fundante, mas sim de uma questão cultural. Nesse contexto, corroboramos Hall (1997) quando o autor afirma que a cultura é um território contestado no qual se luta pelo poder de definir os significados das coisas do mundo, tanto que, conforme manifestação dos beneficiários do PELC-Bahia, algumas atividades sistemáticas foram trocadas ou apenas excluídas da grade do núcleo do programa. Salientamos que, conforme explicita Nunes (2011), as práticas corporais são produções simbólicas que podem ter os seus significados transformados e reinterpretados de acordo com a dinâmica da cultura na qual estão inseridas. Podemos exemplificar tal fato com o depoimento a seguir:

No caso do basquete, no início houve uma resistência, mas depois foram entendendo como era, como funcionava, como era aplicada a modalidade, e foram pegando gosto. (Indivíduo 89, Polo Vitória da Conquista, Núcleo Tremedal)

A princípio, esse depoimento nos informa que a atividade tinha pouca participação e justifica que, aos poucos, os beneficiários foram “pegando gosto” pelo basquetebol. Uma vez que os beneficiários puderam significar ou, até mesmo, ressignificar a atividade ofertada e vivenciada, ela passa a ser aceita por eles e, conseqüentemente, eles passam a participar mais dessa atividade no núcleo. Para Hall (1997), as práticas culturais constroem sistemas de significados que orientam, codificam e regulam as ações sociais dos indivíduos. Sendo assim, o basquetebol, no contexto do núcleo citado, pode ser entendido como uma prática simbólica que, aos poucos, concedeu sentido à ideia de pertencimento ou de identificação com a comunidade local e, por isso, passou a ser bem aceita pelos beneficiários. Nessa linha de pensamento, temos outro exemplo de resposta ao questionário: “Porque depende de cada cultura da comunidade” (Indivíduo 17, Polo Caetité, Núcleo Paramirim). Nesse exemplo, ele utiliza a “cultura da comunidade” para justificar a pouca participação dos beneficiários nas atividades sistemáticas do núcleo, como se elas não fizessem parte dessa cultura. Podemos analisar os dois depoimentos citados no âmbito da luta pelo significado. Isso implica que as práticas corporais devem ser analisadas por meio de seu universo simbólico, de seus valores e de suas representações. As intenções e os desejos dos beneficiários com relação à sua participação e ao seu envolvimento durante as atividades ofertadas são permeados por resistências, por recusas e por tensões. Tal fato evidencia a mediação como categoria intrínseca a qualquer processo cultural. Quando levamos em consideração que as práticas culturais devem ser compreendidas como dotadas de uma lógica própria de funcionamento e de um discurso de base próprio, entendemos que toda prática cultural é também uma prática de significação.

Os dados presentes no gráfico 1, relacionados ao envolvimento dos beneficiários nas atividades sistemáticas do PELC-Bahia, são semelhantes aos dados referentes à participação, porém podem ser interpretados como situações diferentes. Existe a possibilidade de um beneficiário participar da atividade sem se envolver nela. O envolvimento deles nas atividades pressupõe o comprometimento desses indivíduos com a atividade específica de que está participando. Como a participação e o envolvimento podem ser compreendidos como situações distintas, questionamos os indivíduos da pesquisa sobre o que eles consideraram importante para se analisar o envolvimento da comunidade (beneficiários) durante a sua participação nas atividades sistemáticas desenvolvidas. As respostas obtidas corroboram o citado anteriormente sobre a relação do envolvimento com o comprometimento.

Analisamos o envolvimento da comunidade através da participação nas atividades propostas. (Indivíduo 11, Polo Caetité, Núcleo Tanque Novo)

Assiduidade, comprometimento, responsabilidade e respeito para com os beneficiários. (Indivíduo 15, Polo Caetité, Núcleo Paramirim)

Socialização, relações interpessoais. (Indivíduo 59, Polo Santo Antônio de Jesus, Núcleo Gandu)

Participação e desenvoltura da comunidade no ato das atividades realizadas. (Indivíduo 72, Polo Senhor do Bonfim, Núcleo Rodelas)

Muita vontade em participar das atividades, participação ativa nos eventos etc. (Indivíduo 65, Polo Senhor do Bonfim, Núcleo Jacobina)

O desenvolvimento social, a socialização em grupo ...um dos fatores maiores que tivemos aqui... (Indivíduo 63, Polo Senhor do Bonfim, Núcleo Itiuba)

A quantidade de participantes durante as oficinas, a mobilização e envolvimento da comunidade durante todo o período, os vínculos afetivos que foram criados por todos que de alguma forma participaram do Pelc! (Indivíduo 76, Polo Serrinha, Núcleo Candeal)

Explorando os depoimentos citados, verificamos que os termos “vínculos afetivos”, “socialização”, “comprometimento” foram apontados como importantes para a análise do envolvimento do beneficiário nas atividades. Outro fator que foi indicado como importante refere-se ao local (espaço geográfico) onde as práticas ocorreram. Sobre tal fato, Coutinho (2015), em seu depoimento para o Projeto *Garimpando Memórias*, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, exemplifica que “um bairro seguro com uma praça bem cuidada que fica num local de fácil acesso para a população, pode facilitar o envolvimento dos beneficiários às ações do Programa” (p.9). Nesse sentido, o depoimento do Indivíduo 93, do Polo de Vitória da Conquista, endossa o depoimento de Coutinho (2015).

Durante a realização de PELC, houve um engajamento da comunidade em diversos assuntos, não apenas em participar das oficinas, mas também em buscar melhorias aos locais onde eram realizadas. Houve sim uma ressignificação muito grande do espaço, onde até hoje permanecem as mudanças. Inclusive, a população se mobilizou e conseguiu junto ao poder público a reforma da praça dos Verdes, local onde eram realizadas a maioria das oficinas, dentre outras conquistas... (Indivíduo 93, Polo Vitória da Conquista, Núcleo Vitória da Conquista III)

No contexto desse depoimento, verificamos que o envolvimento da comunidade ultrapassou a sua participação nas atividades sistemáticas ofertadas, fazendo com que fossem promovidas outras ações através da mobilização dos próprios beneficiários do programa. Tal fato demonstra avanços no protagonismo da comunidade no que diz respeito à gestão participativa e evidencia, também, a identificação da comunidade com o espaço geográfico (culturalmente significativo, transformado aqui em território), utilizado para o desenvolvimento do PELC-Bahia. Esse território passa a ser compreendido tanto como espaço social quanto como unidade de gestão da política pública, tal como afirmam Pinto e Silva (2017).

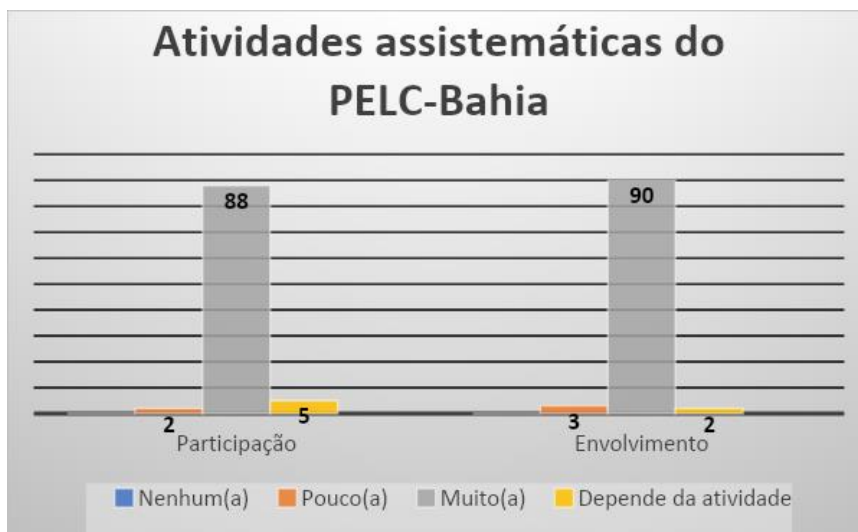
Para compreendermos a relação existente entre o espaço geográfico e o território, torna-se necessário refletir acerca de tais conceitos, visto que eles são importantes para o esclarecimento da vinculação entre aspectos teóricos e empíricos de uma análise socioespacial. De acordo com Haesbaert (2008), *espaço geográfico* e *território* não são equivalentes, porém não devem ser analisados separadamente, uma vez que, sem o espaço, não há território. Para o autor, a concepção de espaço geográfico antecede a concepção de território. Ele explica que a “territorialização do espaço ocorre pelos processos de ‘apropriação’, seja ela concreta ou simbólica (pela representação, por exemplo)” (p. 104), ou seja, o território pode ser considerado uma produção a partir do espaço. Fuini (2017) explica que, na visão de Haesbaert (2008), o território é um “espaço apropriado em termos imateriais na produção de identidade, subjetividade e simbolismos com certo lugar” (p. 20). No entanto, o espaço geográfico não deve ser entendido como uma noção de matéria prima pré-existente ainda não apropriada. A ideia aqui é compreender esse espaço com um nível de reflexão mais ampliada e abstrata, em que a problemática específica faz parte da dimensão espacial, uma das dimensões fundantes da sociedade. Nesse sentido, o território estaria situado dentro dessa dimensão, “um foco centralizado na espacialidade das relações de poder” (HAESBAERT, 2008, p. 105). Sendo assim, analisando o contexto do depoimento citado, fica claro que tanto os beneficiários quanto os agentes e a coordenação do PELC-Bahia conseguiram se apropriar do espaço utilizado para o desenvolvimento do programa, reivindicando o território, colocando-se mais ativos numa postura de poder, exigindo novas estruturas nesse espaço.

Silva *et al.* (2016) explicam que todos os territórios são “dinâmicos e passíveis de transformação” (p. 9). Sendo assim, para compreendermos o processo de mediação cultural no âmbito do PELC-Bahia, torna-se fundamental analisarmos as mudanças sociais e culturais que ocorrem nos territórios estudados para que, assim, possamos compreender como as várias identidades que ali são geradas e se integram são atendidas pelo programa. Por isso, o depoimento citado anteriormente pode ser considerado de suma importância nesse contexto.

Atividades assistemáticas (festas e eventos)

No que diz respeito às atividades assistemáticas desenvolvidas no convênio, as respostas ao questionário foram semelhantes às descritas sobre as atividades sistemáticas. O gráfico a seguir apresenta o quantitativo das respostas.

Gráfico 2: Participação e envolvimento dos beneficiários nas atividades assistemáticas do PELC-Bahia de acordo com os participantes da pesquisa.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

O gráfico 2 demonstra que, com relação à participação, 93% dos envolvidos na pesquisa afirmam que houve muita participação nas festas e nos eventos promovidos nos núcleos e nos subnúcleos do programa em que atuaram. Para compreendermos melhor essa participação, questionamos também quais seriam as atividades assistemáticas desenvolvidas no convênio, em cada uma das realidades apresentadas, e como elas foram escolhidas pela equipe.

Nos depoimentos a esse respeito, as festividades regionais e nacionais voltadas às datas comemorativas foram citadas como principais festas e eventos promovidos pelos núcleos e subnúcleos do programa, conforme explicitado a seguir.

Todo feriado era motivo pra eventos de acordo com sua classificação, exemplo: Natal festa natalina, São João festa junina, dia da criança festa da criança e assim sucessivamente, quando era um feriado sem muita expressão, era feito retiro pra um club local. (Indivíduo 85, Polo Vitória da Conquista, Núcleo Patagônia)

Festa junina, Dia da Mulher, Dia da Criança, encerramento de semestre, Carnaval, Dia dos Pais. (Indivíduo 87, Polo Vitória da Conquista, Núcleo Macarani)

Em todos os meses realizamos um evento no núcleo. O tema era diversificado, se naquele mês havia alguma data comemorativa como Dia das Mães, por exemplo. E realizamos dois eventos junto a um núcleo de cidade vizinha (Candeal) e um evento (São João do Pelc) do polo com todos os núcleos do polo Serrinha. (Indivíduo 79, Polo Serrinha, Núcleo Ichu)

Todos... Dia das Mães, consciência negra, setembro amarelo, outubro rosa, novembro azul, Dia dos Pais, Dia das Crianças, carnaval, natal, ano novo, São João. (Indivíduo 66, Polo Senhor do Bonfim, Núcleo Jacobina)

Do total de respostas obtidas no questionário, 67% citam os termos Festa Junina (São João), Natal e Carnaval como temáticas desenvolvidas durante as atividades assistemáticas

promovidas pela PELC-Bahia. Além dos termos explicitados, aparecem também, nas respostas, outros indicativos de festejos populares, conforme demonstram os depoimentos a seguir.

Todos os eventos tinham a participação do Pelc, desde festejos de padroeiros até a festa da cidade e eventos culturais. (Indivíduo 25, Polo Irecê, Núcleo Presidente Dutra)

Festas tradicionais da cidade (Páscoa, São João), eventos promovidos todo mês pelo programa. (Indivíduo 81, Polo Serrinha, Núcleo Pé de Serra)

Todas as datas festivas tradicionais do mês, fazíamos encontro distribuição de alimentação para os carentes e apresentação com o tema do mês. (Indivíduo 73, Polo Senhor do Bonfim, Núcleo Rodelas)

Festas locais, comemorações nacionais e regionais etc. (Indivíduo 69, Polo Senhor do Bonfim, Núcleo Jacobina)

Sempre de acordo as comemorações regionais. (Indivíduo 85, Polo Vitória da Conquista, Núcleo Patagônia)

Todas as datas comemorativas. (Indivíduo 56, Polo Salvador B e RMS, Núcleo Portão)

A utilização de termos como “festejos de padroeiros”, “festas tradicionais” e “festas ou comemorações locais” sugerem que a cultura local foi incentivada nos momentos das atividades assistemáticas do PELC-Bahia, assumindo cada núcleo ou subnúcleo do programa um papel de protagonista nesse contexto. Pessoa (2018) pontua que “a festa popular sem as amarras da mercantilização em grandes eventos é uma continuidade do cotidiano de vida e de trabalho dos grupos de pessoas” (p. 27). Sendo assim, esse cotidiano passa a ser compreendido também como lugar da festa e da cultura popular, e o protagonismo dos beneficiários do PELC-Bahia, em conjunto com os agentes e os coordenadores de cada núcleo e subnúcleo do programa no desenvolvimento das festas e dos eventos, pode ser considerado um exemplo de mediação cultural. Vale lembrar que a ideia do texto não é reduzir a cultura, limitando-a a festejos tradicionais. Estamos apenas analisando os festejos tradicionais, citados pelos participantes da pesquisa como possibilidade de lazer e exemplos culturais.

Amaral (1998) explica que a festa, em si, pode ser compreendida como “fenômeno que perpassa todas as culturas, com sentidos diversos e com um fundamento comum a todas elas: o da mediação” (p. 19). Logo, ao analisarmos o contexto das festas e dos eventos realizados pelo PELC-Bahia, corroboramos Amaral (1998), quando a autora afirma que “a festa é uma das vias privilegiadas no estabelecimento de mediações da humanidade” (p.19) e, dentre elas, encontra-se a mediação cultural. De acordo com a mesma autora, ao estudarmos as teorias sobre a festa, no caso da antropologia, é possível afirmar que, nas duas principais vertentes de estudos, prevalecem a festa com o significado de negar ou de destruir simbolicamente a sociedade tal como se encontra estabelecida, ou com o significado de reafirmar o modo pelo qual a sociedade se

encontra organizada. Independentemente desses significados, a festa adquire a função de mediadora, seja no sentido de promover a destruição simbólica, seja no de reafirmar determinado costume ou modo de vida.

Se analisarmos as festas tradicionais ou os festejos de padroeiros citados pelos participantes da pesquisa, sob a ótica da mediação cultural, podemos afirmar que tais eventos possibilitam a criação e a recriação de traços culturais, articulando alguns elementos que são manifestos ao passo que outros permanecem no estado de latência. Nesse sentido, Morigi (2002) explica que festas tradicionais, como a festa junina, permitem uma reelaboração imaginária das noções de identidade regional e da cultura local. No momento do planejamento e do desenvolvimento desse tipo de festa, várias narrativas se entrelaçam, envolvendo elementos diversos, que podem ser identificados e associados à tradição (passado) e ao moderno (presente). Para Morigi (2002),

a festa junina e seus símbolos, no imaginário social, operam mediando simbolicamente concepções, unindo, interligando seus laços e integrando percepções baseadas no discurso da tradição cultural e na identidade local e regional. (MORIGI, 2002, p. 255)

Logo, tanto no caso da festa junina quanto no caso das festas de padroeiros ou de outras festas tradicionais, o conteúdo enunciado e veiculado pode ser compreendido como parte de uma rede simbólica cujas significações são assimiladas pelos sujeitos, passando a constituir um conhecimento. Daí surge o entendimento da própria festa como uma mediadora cultural, como uma “modalidade de intervenção de terceiras partes, em e sobre situações sociais de multiculturalidade significativa com particular atenção ao outro, à sua valorização e reconhecimento de diferenças” (SILVA *et al.*, 2016, p.14).

Conforme previsto nas diretrizes do programa, as atividades assistemáticas deveriam ser realizadas com uma certa periodicidade. Quando questionamos os indivíduos da pesquisa sobre a escolha dessas atividades, eles nos informaram que as sugestões vinham da coordenação do programa (70,5% das respostas). Porém, o diálogo com os beneficiários do PELC-Bahia exercia uma certa influência na própria escolha e no desenvolvimento das atividades, estando presente em 22% das respostas recebidas. Tal fato pode ser identificado nos depoimentos a seguir.

Datas importantes no calendário municipal eram já estabelecidas e as demais em diálogo com os beneficiários e com o conselho gestor. (Indivíduo 51, Polo Salvador B e RMS, Núcleo Lauro de Freitas)

A coordenação geral definia um tema geralmente associado à uma data comemorativa e nas reuniões/formações semanais o coordenador de núcleo apresentava a proposta aos agentes e juntos todos decidiam como, quando e onde fazer. Ocasionalmente também tinha a participação dos beneficiários na construção da proposta. (Indivíduo 2, Polo Caetité, Núcleo Caculé)

Escolhíamos junto com os beneficiários criando várias atividades em grupo com participação de todos. (Indivíduo 52, Polo Salvador B e RMS, Núcleo Araqui)

Ou de acordo as datas comemorativas, ou de acordo as festas e comemorações oriundas das atividades ofertadas, ou por demandas trazidas pela comunidade. (Indivíduo 58, Polo Salvador B e RMS, Núcleo Camaçari)

De acordo com as datas comemorativas que se encaixavam no perfil dos beneficiários. (Indivíduo 87, Polo Vitória da Conquista, Núcleo Macarani)

Alguns temas já vinham do setorial e outras era iniciativa da equipe e beneficiários, mas tudo era discutido com os beneficiários, comunidade e parceiros. (Indivíduo 60, Polo Santo Antônio de Jesus, Núcleo Camamu)

Por reunião e os participantes da comunidade sempre estiveram juntos. (Indivíduo 95, Polo Vitória da Conquista, Núcleo Tremedal)

Com a opinião de todos. (Indivíduo 43, Polo Salvador A, Núcleo Cosme de Farias)

Havia o direcionamento da coordenação Geral (Sudesb) e teve atividades que optamos em reunião com os agentes atender a demanda local. (Indivíduo 18, Polo Caetitê, Núcleo Guanambi)

Através de reunião administrativa, algumas propostas vinham da coordenação geral, e por fim levada até os beneficiários. (Indivíduo 40, Polo Salvador A, Núcleo Liberdade)

A aproximação com a comunidade, no intuito de atender suas necessidades no que diz respeito ao esporte e ao lazer, era uma preocupação da coordenação do programa. Por causa disso, na medida do possível, os beneficiários eram envolvidos na escolha e no desenvolvimento das atividades ofertadas. Além das festas temáticas, eram desenvolvidos, nas atividades assistemáticas desse convênio, outros eventos, tal como demonstram os depoimentos a seguir.

Vários eventos recreativos e esportivos. (Indivíduo 3, Polo Caetitê, Núcleo Caetitê)

Campeonatos com a participação de outros núcleos e festejos de datas comemorativas. (Indivíduo 5, Polo Caetitê, Núcleo Caetitê)

Levávamos o teatro em algumas regiões, passávamos filmes para a população que muitas vezes nunca teve acesso. (Indivíduo 13, Polo Caetitê, Núcleo Morro do Chapéu)

Festa São João, Feira do Meio Ambiente, desfile 7 setembro (o PELC foi convidado para participar), desfile Carnaval, Dia das Crianças (no AABB – piscina, campo de futebol, música e brincadeiras), Dias das mães, piquenique no parque da cidade, Feira da saúde no parque da cidade, Festival de dança e dia da independência da Bahia (apresentação dos beneficiários em desfile e peças sobre a independência e outras atividades). (Indivíduo 18, Polo Caetitê, Núcleo Guanambi)

Fizemos café da manhã com os beneficiários, festas do Dia das Mães, festas juninas, gincana no Dia das Crianças além de distribuição de brindes, fizemos torneios de futsal, vôlei e handebol, entre outros. (Indivíduo 22, Polo Eunápolis, Núcleo Eunápolis)

Todo mês aconteciam eventos culturais locais, ou movimentos em horários noturnos em que os beneficiários se reuniam juntamente com toda equipe do núcleo para momentos de lazer familiar como cinefamília (noite do filme). (Indivíduo 29, Polo Irecê, Núcleo Iraquara)

Depoimentos como esses indicam a diversidade de eventos e de festas desenvolvidas nos núcleos e nos subnúcleos do PELC-Bahia, cada qual com suas particularidades, respeitando a cultura local da comunidade atendida. Ao mesmo tempo, o programa também se preocupava em apresentar coisas novas, buscando ampliar as possibilidades culturais das pessoas, ao realizar eventos que não eram comumente realizados em determinadas comunidades, como se pode verificar nos depoimentos a seguir.

Cinema em família, sábado animado, eventos esportivos e culturais (a maioria desses eram realizados na zona rural, haja visto que os residentes da sede já tinham a vivência com as oficinas ao contrário dos moradores da zona rural). (Indivíduo 10, Polo Caetité, Núcleo Tanque Novo)

Durante o projeto desenvolvemos os eventos mensais nas comunidades rurais, abrangendo a participação de pessoas que não moram próximo a cidade e que não tinha acesso ao projeto. (Indivíduo 11, Polo Caetité, Núcleo Tanque Novo)

Nos exemplos apresentados, a coordenação do núcleo compreendeu que, como as atividades sistemáticas ocorriam na sede do núcleo, privilegiando a comunidade residente próximo a ela, as atividades assistemáticas deveriam privilegiar também os moradores da região rural do município. Logo, a coordenação e os próprios agentes buscavam atender um público que normalmente não tinha acesso ao PELC-Bahia, ampliando também o acesso a esse processo de mediação cultural, fazendo com que esses indivíduos fossem expostos a experiências, em tese, diferenciadas.

Quando questionados sobre o envolvimento dos beneficiários do programa nas atividades assistemáticas, os indivíduos participantes da pesquisa relataram um grande envolvimento de tais sujeitos (95% das respostas, conforme aponta o gráfico 2). Para compreendermos melhor essa informação, foi questionado também o que eles consideravam importante para se analisar o envolvimento dos beneficiários nas atividades assistemáticas do PELC-Bahia. Os depoimentos a seguir respondem a esse questionamento.

A satisfação expressada em cada rosto, que não escondiam alegria de estarem ali, além de envolvimento deles na criação, dos mesmos, como roteiro a ser seguido, enfim sua entrega... (Indivíduo 93, Núcleo Vitória da Conquista III, Polo Vitória da Conquista)

A comunidade ajudava de uma forma solidária com lanches, decorações dos eventos e de tudo um pouco. (Indivíduo 95, Núcleo Tremedal, Polo Vitória da Conquista)

Participação direta, ação direta na realização dos festejos, convite a terceiros para participar daquele momento... (Indivíduo 83, Núcleo Tremedal, Polo Vitória da Conquista)

A comunidade de fato abraçava a nossa proposta, do mesmo modo que contribuía com ações para que as atividades assistemáticas fossem excelentes! (Indivíduo 77, Núcleo Heliópolis, Polo Serrinha)

Participação direta e indireta, nas discussões em escolhas da programação, promoção, equipamentos, decoração e nas ações em geral sobre os eventos. (Indivíduo 60, Núcleo Camamu, Polo Santo Antônio de Jesus)

Adesão, organização e planejamento tanto antes, quanto durante e pós evento. Animação. (Indivíduo 58, Núcleo Camaçari, Polo Salvador B e RMS)

As festas e comemorações estavam sempre cheias, e a comunidade sempre nos dava feedback positivo. (Indivíduo 49, Núcleo Camaçari, Polo Salvador e RMS)

Importante analisar o empenho e o envolvimento da comunidade, pois, abraçavam cada ideia, que evento que era realizado, fazendo com que cada atividade assistemática fosse melhor que a anterior. (Indivíduo 32, Núcleo Ubaitaba, Polo Itabuna)

O interesse incondicional que cada beneficiário tinha em querer participar e ajuda em cada festa. (Indivíduo 22, Núcleo Eunápolis, Polo Eunápolis)

Participação, demonstração de interesse durante as atividades. (Indivíduo 10, Núcleo Tanque Novo, Polo Caetité)

Assiduidade, comprometimento, responsabilidade e respeito para com os beneficiários. (Indivíduo 15, Núcleo Paramirim, Polo Caetité)

Grande parte dos depoimentos analisados demonstra que a própria participação do beneficiário foi considerada um indicativo de envolvimento, sendo essa última tanto relacionada ao próprio evento quanto à organização dele. Além desse item, também são citados o interesse, o empenho, o comprometimento, a assiduidade, o engajamento e a demonstração, por parte dos beneficiários, da satisfação com o resultado do evento. O envolvimento comunitário, nesse caso, demonstra aproximação dos indivíduos com o próprio programa, mas também evidencia os eventos promovidos como possibilidade de análise das escolhas de cada um e sua relação com a identidade cultural desses indivíduos.

Os eventos promovidos pelo PELC-Bahia podem ser compreendidos como uma mistura cultural por reunir uma variedade de práticas sociais e elementos simbólicos diversos, como tradicionais, modernos, sagrados, profanos, urbanos e rurais, agregando valores culturais diversificados. Pina, Borges e Oliveira (2017) pontuam que, atualmente, múltiplas formas de produção e de circulação das manifestações culturais são perceptíveis na sociedade.

Diante da flexibilidade percebida nas manifestações culturais, também é sentido um grande movimento relacionado à formação e transformação da identidade cultural na contemporaneidade, de modo que alguns traços que caracterizam um determinado grupo cultural estejam de alguma forma em processo de mudança e de adequação em relação aos elementos que surgirem e que foram incorporados ao longo do tempo. (PINA, BORGES e OLIVEIRA, 2017, p. 141)

Sendo assim, torna-se válido afirmar que as próprias atividades assistemáticas promovidas pelo programa podem ser consideradas espaços de mediação cultural, onde os

aspectos pelos quais os sujeitos são representados nos sistemas culturais são articulados, formados e transformados de maneira contínua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão neste texto girou em torno da identificação cultural dos envolvidos no PELC-Bahia por meio da possibilidade de mediação cultural, tendo como base para a análise as atividades sistemáticas e assistemáticas desenvolvidas no programa durante a vigência do convênio. A partir do relato dos participantes da pesquisa, nos papéis de coordenadores e de agentes, foi possível verificar que tanto as atividades sistemáticas quanto as assistemáticas desenvolvidas no âmbito do programa podem ser entendidas como possibilidade de mediação cultural e podem, também, influenciar o processo de identificação cultural dos indivíduos que estiveram envolvidos no PELC-Bahia.

Compreendendo a mediação como categoria intrínseca a qualquer processo cultural, assim como afirmam Perrotti e Pieruccini (2014), podemos afirmar que novas leituras de fenômenos culturais, a exemplo dos citados neste texto, podem conferir centralidade aos processos de mediação cultural. Assim, poderemos também estudar tais processos, compreendendo-os como uma categoria autônoma e atribuindo a eles centralidade nas análises.

Em suma, foi verificado que a noção de mediação cultural estudada aqui pode ser compreendida como uma ação de produção de sentidos, e não apenas como uma intermediação ou uma transmissão de signos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, R. de C. de M. P. As mediações culturais da festa. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 3, n. 1, p. 13-22, 1998.

BAHIA. Superintendência do Estado da Bahia. **Relatório de cumprimento de objeto referente ao convênio nº 804894/2014**. Salvador, 2019. 120 p.

BARBOSA, M. A. Pós-modernidade: a identidade – real ou virtual? **Direitos Culturais**, Santo Ângelo, v. 5, n.8, p. 75-92, jan./jun. 2010.

BRASIL. Ministério da Cidadania. Secretaria Especial do Esporte. Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social – SNE LIS. **Diretrizes 2019** – Programa Esporte e Lazer da Cidade. 2019. Disponível em http://arquivo.esporte.gov.br/arquivos/jornada_esporte_cidadao/diretrizes_pelc_2019.pdf Acesso: 26 jun 2022.

CASTRO, I. E. de. **Geografia e política: território, escalas de ação e instituições**. Bertrand Brasil, 2005.

COUTINHO, S. da S. Silvano da Silva Coutinho: depoimento [nov. 2015]. Entrevistadora: Luiza Aguiar dos Anjos. Belo Horizonte: EEEFTO, 2015. 10 p. Entrevista realizada para o projeto Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/148183/001002822.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso: 18 jan 2022.

DIAS, C.; DEBORTOLI, J. A. O.; CAÚ, J. N. A. **Diagnóstico da realidade local**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. 89 p.

DUARTE, J. C. S. Território de identidade e multiterritorialidade: paradigma para formulação de uma nova regionalização da Bahia. *ENECULT - ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA*, 5, 2009. **Anais...** Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBa, 2009.

FUINI, L. L. O território em Rogério Haesbaert: concepções e conotações. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 21, n. 1, p. 19-29, 2017.

GALEALE, B. P.; OLIVEIRA, L. M. B. de. Mediação cultural no âmbito da web 2.0: interatividade, participação e experiência. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, n. Esp., p. 46-50, 2017.

HAESBAERT, R. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.) **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular. UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008. 368p.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v. 22, n. 2, p.15-46, 1997.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019. 102p.

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004. 276p.

MIRANDA, A. Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdo. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 78-88, ago. 2000.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORIGI, V. Festa Junina: hibridismo cultural. **Cadernos de Estudos Sociais**, v. 18, n. 2, p. 251-266, 2002.

NUNES, M. Práticas corporais ou mercadorias corporais. In: SANCHES, T. A. (Org.) **Estudos culturais: uma abordagem prática**. São Paulo: Editora Senac, 2011. 213 p.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. *In*: LARA, M. L. G. de; FUJINO, A.; NORONHA, D. P. (Org.) **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: NÉCTAR, 2007. 318 p.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. A mediação cultural como categoria autônoma. **Informação & Informação**, [S.l.], v. 19, n. 2, p. 1-22, out. 2014.

PESSOA, J. de M. **Cultura popular: gestos de ensinar e aprender**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

PINA, M. L. M.; BORGES, G. F. M.; OLIVEIRA, M. da P. S. L. A festa do Arraiá do Descoberto: uma identidade cultural em transformação. **Élisée**, Revista de Geografia. UEG – Porangatu, v.6, n.1, p.137-159, jan./jun. 2017.

PINTO, L. M. S. de M.; SILVA, L. P. da. **Gestão participativa do PELC**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017. 97 p.

SERPA, A. (Org.) **Territórios da Bahia: regionalização, cultura e identidade** [Livro digital]. Salvador: EDUFBA, 2015. 337 p.

SILVA, A. M. C. *et al.* Mediação intercultural e território. **Entre Iguais e Diferentes**, p. 9-29, 2016.

SOUZA, D. L. de; CASTRO, S. B. E. de; VIALICH, A. L. Barreiras e facilitadores para a participação de crianças e adolescentes em um projeto socioesportivo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, p. 761-774, 2012.

NOTAS DOS AUTORES

Agradecimentos

Agradecemos o apoio e disponibilidade da Superintendência de Desporto do Estado da Bahia, principalmente na pessoa de Susi Dócio, que viabilizou a aplicação do questionário e disponibilizou os contatos dos indivíduos participantes da pesquisa.

Declaração de conflito de interesses

O presente estudo não possui conflito de interesses.

Contribuições dos autores

O autor J.L.B.V. escreveu o texto final, contribuindo com a aplicação do questionário, análise e interpretação dos dados; os autores E.C. e J.A.O.D foram orientador e co-orientador

respectivamente do projeto e contribuíram com a revisão intelectual crítica e interpretação dos dados. Todos os autores são responsáveis pela aprovação final para a publicação do texto.

Endereço para correspondência

Rua Sete, 96, Bairro Riacho III,
Betim/MG. CEP: 32689-022.

Submissão: 24/07/2022

Aceite: 01/02/2023